



A CONSTRUÇÃO DO SEGUNDO TEMPLO DE JERUSALÉM

INTRODUÇÃO

O Templo de Jerusalém ocupava o centro da vida religiosa de Israel. Era o lugar da presença de Deus no meio do povo, o espaço dos sacrifícios, das grandes festas e da oração nacional. A destruição do Primeiro Templo pelos babilônios, em 587 a.C., representou uma das maiores tragédias da história judaica. Contudo, a esperança da reconstrução jamais desapareceu completamente. Após o retorno do exílio, iniciou-se a construção do chamado Segundo Templo, realidade decisiva para compreender não apenas o judaísmo posterior, mas também o contexto religioso vivido por Jesus Cristo.

1. A DESTRUIÇÃO DO PRIMEIRO TEMPLO

Em 587 a.C., as tropas do rei Nabucodonosor destruíram Jerusalém e incendiaram o Templo construído por Salomão. O Segundo Livro dos Reis descreve dramaticamente esse acontecimento: “Incendiou a Casa do Senhor e o palácio do rei e todas as casas de Jerusalém, e entregou às chamas também todas as residências dos notáveis.” (2Rs 25,9)

O profeta Jeremias também testemunha a devastação (cf. Jr 52,13). Além da destruição física, os objetos sagrados do Templo foram levados para a Babilônia (cf. Jr 52,17-20), simbolizando a humilhação nacional e religiosa de Israel.

A destruição do Templo parecia significar o abandono definitivo do povo por Deus. Sem terra, sem rei e sem santuário, Israel entrou na profunda crise espiritual do exílio.

Entretanto, nesse contexto de sofrimento, nasceu também a esperança da restauração. O profeta Ezequiel teve uma grande visão do futuro Templo e da renovação de Israel (cf. Ez 40-48). Sua profecia manteve viva a certeza de que Deus não havia abandonado definitivamente o seu povo.

2. A RECONSTRUÇÃO DO SEGUNDO TEMPLO

Após a conquista da Babilônia pelos persas e o Edito de Ciro, os judeus puderam retornar para Jerusalém. Nesse contexto iniciou-se a reconstrução do Templo, por volta de 535 a.C., sobre as antigas ruínas do Templo de Salomão.

A obra, porém, encontrou muitas dificuldades: pobreza extrema, desânimo do povo, ataques dos inimigos, instabilidade política E dificuldades econômicas.

Por causa dessas adversidades, a construção acabou sendo interrompida durante vários anos. Somente em 521 a.C., graças à pregação dos profetas Ageu e Zacarias, o povo retomou os trabalhos. Finalmente, em 515 a.C., o Segundo Templo foi concluído sob a liderança de Zorobabel: “A Casa terminou-se no terceiro dia do mês de Adar, no sexto ano do reinado do rei Dario.” (Esd 6,15)

Embora mais simples e menos grandioso do que o Templo de Salomão, o Segundo Templo tornou-se novamente o centro da vida religiosa judaica.

3. A INTERPRETAÇÃO ESPIRITUAL DE SÃO BEDA

Comentando a conclusão da reconstrução do Templo (cf. Esd 6,13-15), São Beda oferece uma profunda interpretação espiritual. Para ele, a reconstrução material do Templo simboliza também a edificação espiritual da Igreja e da vida interior dos fiéis. Beda escreve:

“Todos os profetas, e até mesmo todos os autores da Sagrada Escritura, prometem coisas boas para aqueles que edificam a santa Igreja, isto é, para os pastores, a menos que sejam eles mesmos que deixem a obra santa, estando cansados de tantas adversidades. Pois eles terão a ajuda de Deus para completar o Templo do Senhor, que já foi iniciado, na fé do coração e na vida santa dos ouvintes.”

São Beda interpreta a perseverança dos construtores do Templo como imagem da perseverança cristã diante das dificuldades. Assim como os judeus enfrentaram oposição, pobreza e desânimo, também os cristãos precisam perseverar na construção espiritual da “morada de Deus” dentro de si mesmos e na comunidade. Ele continua:

“A bênção dos frutos da vinha, da figueira, da romãzeira e da oliveira chegará a todos os construtores, ou seja, terão abundância de dons espirituais que, sem dúvida alguma nos dará o Senhor, com tanta liberalidade quanto mais diligentemente nos esforçarmos para construir a morada da glória de Deus em nós mesmos ou no coração de nosso próximo.”

A reconstrução do Templo, portanto, possui também um sentido espiritual permanente: Deus continua edificando sua presença no coração dos homens.

4. O SEGUNDO TEMPLO E SUAS CRISES

Mesmo reconstruído, o Segundo Templo atravessou momentos extremamente difíceis. O Santo dos Santos permaneceu vazio, pois a Arca da Aliança havia desaparecido durante a destruição de Jerusalém. Ainda assim, os sacrifícios e o culto foram retomados normalmente.

Séculos depois, durante o domínio helenístico, o Templo sofreu grave profanação pelas mãos de Antíoco IV Epífanes. O Primeiro Livro dos Macabeus relata: “Entrou no Santuário com arrogância e apoderou-se do altar de ouro e dos candelabros com seus acessórios.” (1Mac 1,21-23)

Em 167 a.C., Antíoco transformou o Templo judaico em templo pagão. O texto bíblico afirma: “Antíoco levantou sobre o altar dos holocaustos a abominação desoladora.” (1Mac 1,54)

Essa “abominação desoladora” refere-se provavelmente a uma estátua de Zeus (Júpiter Olímpico), colocada no próprio Templo de Jerusalém. O Segundo Livro dos Macabeus acrescenta: “Mandou profanar o Templo em Jerusalém, dedicando-o a Júpiter Olímpico.” (2Mac 6,2)

A reação judaica foi liderada pelos Macabeus. Em 164 a.C., o Templo foi purificado e reconsagrado (cf. 1Mac 4,36-59), acontecimento que deu origem à festa judaica de Hanukkah.

5. A REFORMA DE HERODES

Já no período romano, o rei Herodes, o Grande, iniciou uma imensa reforma e ampliação do Templo por volta de 20 a.C. Seu objetivo era conquistar o apoio dos judeus, aumentar o prestígio político e transformar Jerusalém em uma grande capital religiosa.

O Templo tornou-se extremamente majestoso e admirado em todo o Oriente. Contudo, as obras prolongaram-se por décadas, sendo concluídas apenas por volta de 64 d.C.

Foi esse Templo reformado por Herodes que Jesus conheceu, frequentou e no qual ensinou. Nos Evangelhos, vemos Jesus apresentado no Templo, discutindo com os doutores, expulsando os vendedores e ensinando nos pátios do santuário.

O Templo ocupava papel central na espiritualidade judaica do tempo de Cristo.

6. A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO EM 70 D.C.

Apesar de toda a sua grandiosidade, o Templo de Herodes teve existência breve. Durante a revolta judaica contra Roma, o general Tito sitiou Jerusalém e destruiu completamente a cidade no ano 70 d.C. Jesus já havia anunciado profeticamente: “Não ficará aqui pedra sobre pedra.” (Lc 21,6)

A destruição foi devastadora: massacre da população, incêndio do Templo, saque dos objetos sagrados, ruína total de Jerusalém.

Em Roma, o Arco de Tito conserva até hoje o famoso baixo-relevo que mostra os soldados romanos carregando a Menorá do Templo, testemunhando historicamente essa tragédia.

Com a destruição de 70 d.C., encerrou-se definitivamente o culto sacrificial judaico centrado no Templo.

CONCLUSÃO

A história do Segundo Templo revela a profunda relação entre sofrimento, esperança e restauração na experiência do povo de Deus.

Depois da destruição causada pelos babilônios, Israel reencontrou lentamente sua identidade religiosa através da reconstrução do Templo, da redescoberta da Lei e da renovação da esperança messiânica.

O Segundo Templo tornou-se o centro espiritual do judaísmo pós-exílico e o cenário da vida pública de Jesus Cristo. Contudo, sua destruição definitiva em 70 d.C. marcou o fim de uma etapa fundamental da história bíblica.

Para os cristãos, a teologia do Templo alcança sua plenitude em Cristo. O verdadeiro Templo é agora o próprio Senhor ressuscitado, presença definitiva de Deus entre os homens:

“Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei.”
(Jo 2,19)

Assim, a história do Templo de Jerusalém não fala apenas de pedras e construções antigas, mas da contínua ação de Deus que deseja habitar no meio do seu povo e no coração de cada fiel.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi